



CARTA LIDA PELO PROFESSOR FÁBIO MARINHO AIDAR, DIRETOR DO COLÉGIO SANTA CRUZ, DURANTE A MISSA DE 7º. DIA DO PADRE ROBERTO GRANDMAISON C.S.C.

O canadense Robert Grandmaison completou sua educação básica no Colégio Saint Laurent, uma escola da Congregação de Santa Cruz na periferia de Montreal, no final da década de 50. Ele nos contou, com brilho nos olhos, que foi aluno do Padre Charbonneau e que era um grande esportista. Jogava hóquei no gelo e gostava de lembrar que é preciso ser forte para as jogadas violentas desse esporte...

Na companhia do Padre Laurent Roberge, a quem acabara de conhecer, chegou ao Brasil em 1968. Do Canadá ao Brasil, os dois jovens canadenses da Congregação de Santa Cruz fizeram uma longa viagem, visitando diversos países americanos pelo caminho. Robert Grandmaison foi ordenado padre em 1971. Logo, ambos passaram a adotar os nomes pelos quais são conhecidos até hoje: Padre Roberto e Padre Lourenço.

Ao chegarem a São Paulo, receberam convites insistentes do Padre Lionel Corbeil, Diretor do Colégio e Superior da Congregação de Santa Cruz no Brasil, para morar e trabalhar no Colégio Santa Cruz: Padre Lourenço aceitou, Padre Roberto declinou. Seu desejo era trabalhar pelos mais vulneráveis, no bairro do Jaguaré, comunidade que abraçou e ajudou a se desenvolver até o seu último dia de vida, por 52 anos.

Padre Roberto tornou-se um brasileiro e um paulistano, apaixonado pela nova pátria, extremamente engajado, trabalhando com afinco pela garantia dos direitos humanos e pela redução das desigualdades sociais.

Nos últimos 10 anos, aproximou-se do Colégio Santa Cruz envolvendo alunos e educadores em seus projetos. Aproveitando uma visita do padre canadense Gilles Sauvè, convidou os professores do Colégio para uma visita ao Jaguaré para observar as condições de vida das populações mais vulneráveis e exibir a todos as suas conquistas e a qualidade do seu projeto. Impressionado com a visita, anos mais tarde, o Padre Gilles publicou no Brasil o livro “Uma improvisação organizada, ações do Padre Roberto no Jaguaré”.

Em 2011, Padre Roberto passou a integrar o Conselho Administrativo da Escola e exerceu, junto com o Padre José, a função de orientador espiritual. Em cada Festa Junina, em cada Feijoada da Primavera, Padre Roberto encantava todos com as apresentações das crianças e dos adolescentes do seu Projeto Social. Conquistou grandes amizades entre famílias do Santa Cruz e entre os professores da escola; amigas e amigos que se tornaram novos pares de braços para buscar patrocínios e trabalhar na comunidade com atendimento médico e odontológico, assessoria jurídica ou outros serviços. Incansável, Padre Roberto sempre nos apresentava novas ideias para aprimorar as condições de vida dos moradores da comunidade.

Bem integrado ao corpo docente do Colégio Santa Cruz, Padre Roberto circulava pelos pátios e pelas salas dos professores. Diversas vezes foi convidado a participar de aulas e sempre que possível assistia às palestras programadas aos professores. Passou a participar de projetos pedagógicos da escola, incluindo viagens de estudo do meio por todo o país. Professores e alunos sentiam-se premiados por pertencerem ao grupo do Padre Roberto e de poder ouvi-lo entre uma atividade e outra. Admirado com cada uma de nossas viagens, declarou certa vez: essa é a verdadeira Missão de Santa Cruz, formar cidadãos solidários, comprometidos com a redução das desigualdades sociais em nosso país.

Filho de construtor, Pe. Roberto acompanhou as construções recentes do colégio: o Pavilhão do Ensino Fundamental, o Ginásio de Esportes, a garagem e a Biblioteca, ao lado do Engenheiro Guilherme, com grande interesse! Colocava o capacete e era conhecido pelos trabalhadores como o “fiscal da obra”.

Leitor assíduo, Padre Roberto acompanhava atentamente as notícias do Brasil e do mundo, com interesses múltiplos: dos esportes à economia, da filosofia à religião, das ciências às artes. Tive o privilégio de assistir ao seu lado a uma partida final da liga de futebol americano que adentrou a madrugada.

Padre Roberto vibrava com cada lance e ficava inconformado com o meu desconhecimento sobre as regras do esporte.

Preocupado em não perder uma notícia, guardava, em seus arquivos, uma vasta coleção de artigos de jornais. Em uma manhã, trouxe uma notícia sobre a comprovação experimental do Boson de Higgs, a partícula de Deus. E queria discutir comigo os princípios da Física Quântica e da criação do Universo!

Preocupava-se muito com os conflitos internacionais, principalmente quando envolvia países pobres. Algumas vezes, perguntou-me o que poderíamos fazer para ajudar a população do Haiti. Assustou-se com o crescimento do Estado Islâmico e com ações terroristas pelo planeta.

Na escola, não perdia um espetáculo de música ou uma peça em nosso teatro. Acompanhava nossos jovens artistas, adorava ouvir os concertos de música erudita.

Seu maior interesse, como todos sabem, objeto de seu trabalho diário, sempre foi a luta pelos Direitos Humanos e pela redução das desigualdades sociais. Dedicou-se intensamente a essa causa por toda a sua vida no Brasil. Seu trabalho se estendia desde a busca de financiamentos com governantes e empresários até o assentamento dos tijolos, colocando as mãos na massa, como ele gostava de declarar.

O que poucos sabem, devido ao seu jeito modesto e bastante reservado, é que o Padre Roberto defendeu uma dissertação de mestrado em Ciências da Religião pela PUC no ano de 1992: uma espécie de presente deixado para nós para ser aberto após a sua partida.

Com o título de “*Direitos Humanos: Direitos dos Pobres*”, o trabalho tem inspiração em Dom Helder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, a quem Padre Roberto já acompanhava desde antes de sua chegada ao Brasil, e em Dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo, com quem aprendeu o sentido da História, conforme ele declarou em seus agradecimentos.

Em sua dissertação, Padre Roberto descreve o cenário econômico e político do Brasil na década de 1970 sob o regime da Ditadura Militar e do recém-decretado Ato Institucional nº 5, o AI 5, denunciando um projeto político do governo que esmagava toda tentativa de participação democrática da população. Mostra como esses acontecimentos interpelaram a Igreja de São Paulo, levando-a a mudar a sua presença na sociedade. Destaca a atuação da Comissão de Pastoral dos Direitos Humanos e dos Marginalizados, a partir dos empobrecidos, para reforçar o modelo profético da igreja e para contribuir para uma interpretação dialética-histórica dos Direitos Humanos.

Guardaremos, com carinho, além de muitas saudades, a lembrança e o exemplo de esperança, generosidade, determinação e coragem do Padre Roberto. A comunidade do Colégio Santa Cruz se entristece com a perda de um grande educador, um líder espiritual e um amigo querido de todos nós.

FÁBIO MARINHO AIDAR
DIRETOR GERAL DO COLÉGIO SANTA CRUZ